

Por que confiar na ciência | Parte 1, Módulo 2

[00:00:11] **Speaker 1** Olá, tudo bem? Seja bem-vindo à aula 2 do nosso curso de jornalismo científico. O assunto de hoje é a confiabilidade na ciência. O que será que torna ciência confiável? Antes da gente começar, é importante reforçar a validade desta pergunta. Nos últimos tempos ela tem ocupado um lugar muito ruim, que é uma certa confusão com o negacionismo, como se a gente não pudesse questionar a confiabilidade na ciência. A pergunta é importante, mas ainda mais importante de onde ela está sendo feita. Se ela está sendo feita a partir de uma ótica negacionista ou conspiratória, aí realmente não tem validade. Mas se a intenção é procurar entender por que a ciência é confiável e quais são os mecanismos que reforçam a confiabilidade na ciência, então a pergunta é extremamente valiosa.

[00:01:30] Uma das respostas mais comuns para justificar a confiabilidade na ciência é o chamado peer review, a revisão pelos pares, que é aquela questão da submissão de um artigo, antes da sua publicação, à uma análise isenta por outros pesquisadores, normalmente dois, três pesquisadores, depende de algumas circunstâncias. Ainda que a revisão pelos pares seja fundamental, ela sozinha não explica a confiabilidade na ciência. A resposta mais frequente quando a gente fala desse assunto, se você googlar você vai ver, é o método, normalmente as pessoas falam: o método científico é o que assegura a confiabilidade na ciência. Mas, de novo, ele sozinho não explica essa questão.

[00:02:22] Então, afinal de contas, por que a ciência é confiável? A resposta passa por uma soma de fatores, e entender este contexto, compreender porque a ciência confiável, é fundamental justamente para que a gente aprenda a lidar com o negacionismo. A confiabilidade na ciência passa pela revisão pelos pares e passa pelo método, mas passa também, e principalmente, pela troca de informação, pela troca de conhecimento, pela viagem que o conhecimento faz, esse trânsito que se dá por meio dos papers, dos estudos que são publicados, das conferências e workshops, do compartilhamento de base de dados, e por esse ambiente típico da ciência, e que não encontra paralelo em nenhuma outra profissão, de um escrutínio intenso daquilo que é colocado por um cientista ou publicado por um cientista ou dito por um cientista, submetido à uma análise muito crítica por pares, por pessoas que também são especialistas naquela área. Então este esforço coletivo é o que justifica a confiança na produção do conhecimento científico. E é importante frisar a relevância da diversidade porque existe um desequilíbrio, tanto em termos de publicação, de produção de artigos e estudos, quanto de acesso por parte de cientistas que não fazem parte de uma elite, digamos assim, intelectual, que está posicionada na América do Norte e na Europa. Essa é uma questão complexa e que a gente pode abordar no fórum ou em uma outra ocasião. Mas o importante é a gente lembrar da importância da diversidade, seja de países - apesar dos retrocessos que o Brasil tem vivenciado, mas o Brasil tem uma relevância hoje na produção científica, assim como a Índia, a China, em escalas diferentes, claro, mas em outros países - mas também a diversidade de gênero, de vozes, de dentro do próprio país, que a produção científica venha de centros que não sejam aqueles hegemônicos. Existem inclusive estudos que justificam, que mostram cientificamente o quanto a ciência pode se beneficiar da diversidade, porque quanto mais diverso o conhecimento menos enviesado e mais próximo da verdade, digamos assim.

[00:05:09] Para finalizar esse assunto da confiança na ciência, eu gosto de usar uma metáfora que é a do carro: o que torna uma viagem de carro segura? É o fato de você ser o melhor motorista do mundo e ter o melhor co-piloto ao seu lado? Isso isoladamente, não. Você vai precisar trafegar por uma estrada segura, com sinalização adequada, vai

precisar respeitar o limite de velocidade, vai precisar usar o cinto de segurança, é importante que o seu carro tenha as barras de proteção laterais, tenha airbag e outros mecanismos de segurança que a engenharia vem desenvolvendo nos últimos anos, aí a sua viagem se torna mais segura. A gente pode dizer que a viagem do conhecimento também é multifatorial.

[00:06:00] Então se a ciência é confiável, por que ela é rejeitada? Uma das alegações ou justificativas para rejeitar a ciência é quando ela confronta visões de mundo muito enraizadas, que se misturam com valores pessoais. É o caso, por exemplo, quando a gente fala da Teoria da Evolução de Darwin, que algumas pessoas levam os textos que elas consideram sagrados ao pé da letra e rejeitam o que está posto ali na teoria, que é um fato científico. Mas religião não é a única motivação à rejeição da ciência, passa também quando alguns grupos ou alguns indivíduos são confrontados com a necessidade de mudanças, por exemplo, em hábitos de consumo ou revisão de questões políticas e ideológicas, colocar em xeque algumas convicções políticas e ideológicas. Então as raízes do negacionismo podem também ser explicadas por motivações escusas, por tentativas de ludibriar, de enganar as pessoas por interesses econômicos, por exemplo.

[00:07:25] Para falar desse assunto, a gente pode recorrer a um campo da história da ciência que é relativamente recente, que é chamado Agnotologia, que é o estudo da ignorância. Na Agnotologia, a ignorância não é vista simplesmente como ausência de conhecimento sobre um determinado assunto, a ignorância é vista como um produto cultural que pode resultar de conflitos políticos, biológicos, culturais. E nessa visão, a ignorância tem uma epistemologia própria. Epistemologia é um ramo da ciência que oferece uma compreensão ampla do conhecimento por vários prismas: sociológico, político, filosófico, psicológico. Então esse mesmo olhar, com várias facetas, a gente aplica também à ignorância, para tentar entender melhor esse fenômeno e porquê que a ignorância pode ser intencionalmente ou não produzida. Este é um fator muito importante, um aspecto muito importante.

[00:08:48] Para ilustrar do que a gente está falando quando aborda a Agnotologia - que é um termo que foi cunhado por um pesquisador da Universidade de Stanford chamado Robert N. Proctor nos anos 90, ou seja recente mesmo - um dos exemplos clássicos em Agnotologia é o da indústria do tabaco na década de 70. O que aconteceu ali? A indústria sabia, desde o final dos anos 60, da relação entre o hábito de fumar e o câncer de pulmão. Ou seja, eles sabiam que se você fuma regularmente, você pode acabar desenvolvendo um câncer de pulmão. Mas eles negaram durante décadas por diversas táticas diversionistas que incluíam, por exemplo, publicidade massiva em veículos de comunicação e financiamento privado de pesquisas correlatas. Então, por exemplo, investigar outros assuntos, outras causas possíveis para o câncer de pulmão. E qual era o objetivo com isso? Confundir a cabeça das pessoas, porque na confusão você acaba tomando a decisão de seguir fumando, até porque existe a questão do vício. Essas mesmas táticas, que eu recomendo a leitura de um livro chamado de "Mercadores da Dúvida", que tem em português, de dois pesquisadores de Harvard, a professora Naomi Oreskes e o professor Erik M. Conway, onde eles abordam esse tema, justamente a reutilização dessas táticas na questão das alterações climáticas pela indústria do petróleo, mas vamos voltar a esse tema numa próxima aula com maior profundidade. É importante entender que a imprensa, a mídia, tem um papel nessas táticas negacionistas, e que se a gente não estiver preparado para lidar com isso, a gente acaba sendo parte nessa propagação da ignorância. Então uma das táticas preferidas é essa de criar falsas equivalências e dar vida a debates, por exemplo, em televisão, sobre dúvidas, digamos

assim, que não existem na ciência. Acaba passando para o público a ideia de que ali não existe um consenso.

[00:11:22] Então tem algumas situações no jornalismo sobre as quais a gente precisa refletir. Como, por exemplo: o modus operandi nas reportagens é o de ouvir o outro lado. Mas a gente tem que tomar cuidado em alguns assuntos, como no caso das alterações climáticas, porque infelizmente ainda é comum a gente notar numa reportagem o outro lado, em contraponto a um cientista especializado que está afirmando que as alterações climáticas induzidas por atividade humana são um fato, são verdadeiras, e aí às vezes o repórter vai ouvir um cientista não especializado, ou que não é relevante, vai ouvir um político ou um representante da indústria, levantando dúvidas sobre aquele assunto, aí passa para as pessoas a ideia de que não há um consenso, quando na verdade o consenso científico existe. O que significa dizer que a comunidade de especialistas dessa área analisou exaustivamente os dados, refutou hipóteses, analisou estudos, e chegou à conclusão de que as alterações climáticas atuais são induzidas por atividade humana. Isso significa que a gente vai silenciar o debate? De maneira alguma. A gente precisa qualificar o debate, são coisas diferentes. Então, se possível, na sua reportagem sobre clima, sobre meio ambiente, não ouça negacionistas. Se o seu editor ou editora ainda não tem conhecimento suficiente sobre o assunto, mostre pra ele ou para ela do que se trata, e o que está por trás. Em último caso, se você tiver que ouvir e reportar sobre isso, coloque essa fala no lugar adequado, ou seja, não crie uma falsa equivalência, você precisa mostrar que aquilo não tem lugar na ciência, que aquilo não é verdade. Porque, afinal de contas, desacreditar a ciência é, sim, estratégia política. Às vezes não há uma consciência [política] por trás de um indivíduo que está negando a ciência, não tem uma clareza sobre todo esse contexto político, mas a gente tem que estar muito atento, porque ele existe.